

ing in Book Titles" (538-39), "Geographical Names Appearing in Provenances" (540-41), "Index of Provenances: Persons" (542-54), "Index of Provenances: Institutions" (555-57) and "Holding Institutions" (558).

The last part of the volume (561-623) is reserved for beautiful images in colour representing mostly frontispieces and covers of the books listed in the catalogue, but also some handwritten materials and other items (icons, calices) at one time belonging to the same Riga college. These images are not only a decoration, but a real tool, because the authors of the essays direct the reader to these figures on several occasions. In this way, the vision completes the narration to the delight of all bibliophiles who certainly agree that thanks to these images, the managing of this catalogue is not only instructive, but also pleasant.

The editors deserve congratulations and encouragement to continue this work in the field of book history, which is much more than just studying old books. Indeed, through the vicissitudes of this library's collection we can better understand the political, cultural and religious past of several European countries involved in the events of the last four centuries. After all, this is what all libraries and historical studies are for.

ARSI, Rome

Robert Danieluk SJ

Carlota Simões, Margarida Miranda, Pedro Casaleiro, *Visto de Coimbra: O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. 420pp. E-book Open Access. ISBN 9789892618708. E-book: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1871-5>

A publicação de *Visto de Coimbra* foi coordenada por três académicos da Universidade de Coimbra com perfis e interesses de investigação bem distintos: uma matemática (Carlota Simões), uma latinista (Margarida Miranda) e um museólogo (Pedro Casaleiro). Dedicado à história do Colégio de Jesus, em Coimbra, o livro tem como principal mérito a congregação, num só volume, de textos provenientes de quatro eventos realizados na Universidade de Coimbra entre 2016 e 2017. Não é demais referir que, sem este esforço editorial, os textos ter-se-iam dispersado e não seria possível alcançar uma visão de conjunto sobre um dos mais importantes colégios dos jesuítas em Portugal até 1759. É de louvar ainda a publicação do livro em formato e-book, disponível gratuitamente no site da editora.

*Visto de Coimbra* está dividido em quatro partes, a saber: 1. História da Companhia; 2. Colégio de Jesus—Educação e ciência; 3. Companhia de Jesus e Cultura; e 4. Exposições. Como é habitual em todas as colectâneas, a novidade e a pertinência dos textos são variáveis. Dos doze capítulos, destaca-se, pela sua novidade o texto de Carlota Miranda Urbano e Margarida Miranda sobre as importantes descobertas arqueológicas na antiga Igreja do Colégio de Jesus (actual Sé Nova de Coimbra), aquando do restauro do Altar da Coroação e Assunção da Virgem em 2017 (91–112). Estando iminente a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal, António de Vasconcelos SJ (1727–1801) escondeu uma cruz de marfim e um valioso conjunto de textos relacionados com a história dos jesuítas em duas colunas do altar lateral. As autoras dividiram os documentos em quatro categorias: 1. Documentos fundacionais; 2. Controvérsia teológica e religiosa; 3. *Clavis prophetarum*; e 4. Documentos coevos da expulsão. Do primeiro conjunto, sobressaem cartas de Santo Inácio de Loyola (c.1491–1556), São Francisco Xavier (1506–52) e Juan de Polanco (1517–76), incluindo a famosa carta que Inácio enviou à província portuguesa sobre a obediência na Companhia de Jesus. É possível que a carta que Inácio enviou a Simão Rodrigues a 22 de Agosto de 1545 seja autógrafa, uma vez que a assinatura foi recortada, muito provavelmente por devoção. O segundo conjunto é composto por uma compilação de três teses defendidas em Coimbra em 1652 sobre a controvérsia *De Auxiliis*. O terceiro núcleo é constituído por um manuscrito da *Clavis prophetarum* de António Vieira SJ (1608–97) copiado pelo P. Jerónimo de Castilho SJ (1674–1730) para uso do Colégio de Coimbra. Finalmente, o último núcleo diz respeito ao espólio pessoal de Vasconcelos. Além de correspondência activa e passiva e de uma biografia de uma religiosa setecentista, inclui-se neste conjunto um importante relato, em primeiríssima mão, sobre os acontecimentos que antecederam a proscrição dos jesuítas em 1759. Considerando o significado deste manuscrito para a história dos jesuítas em Portugal, seria muito bem-vinda a sua transcrição e publicação num futuro próximo.

No capítulo seguinte, António Júlio Trigueiros esboçou uma pequena nota biográfica de António Vasconcelos (113–18). Tendo em conta que à data dos achados na Sé Nova nada se sabia sobre Vasconcelos, a identificação e a reconstituição dos principais dados biográficos do jesuíta complementa e põe em contexto a descrição sumária dos manuscritos. No seu texto, António Leal Duarte, Carlota Simões e Francisco Gil debruçaram-se sobre a já conhecida his-

tória dos azulejos com demonstrações de *Os Elementos* de Euclides que adornavam as paredes dos colégios jesuítas em Coimbra (145–57). Da leitura deste breve capítulo, sobressai que as estimativas anteriores, que preconizavam a existência de duas centenas de azulejos, são bastante conservadoras. Neste texto, os autores sugerem que seriam muito possivelmente cerca de 500 azulejos (147). Em qualquer dos casos, os 20 azulejos que chegaram até aos nossos dias não deixam de representar uma ínfima parte dos painéis originais. Colocados num dos colégios dos jesuítas em Coimbra depois de 1692 foram destruídos no século seguinte durante o período das reformas Pombalinas. O mais provável é que tenham sido destruídos e “entulhados” (156) entre a expulsão dos jesuítas em 1759 e a reforma da Universidade em 1772.

Com a erudição e a profundidade características da boa escrita académica, Mário Santiago de Carvalho e Noël Golvers contribuíram para este volume com dois textos notáveis. Enquanto Santiago de Carvalho se debruçou sobre a difusão do aristotelismo conimbricense até ao Oriente (121–43), Golvers focou-se nas impressões de quatro jesuítas estrangeiros após a sua passagem pelos Colégios de Coimbra na segunda metade do século XVII: Ignatius Hartoghvelt, Ferdinand Verbiest, Adam Aigenler e Antoine Thomas (159–71). A descrição de Hartoghvelt, porventura a mais completa e detalhada, foi recentemente traduzida e editada por Noël Golvers e Carlota Simões em 1655. *Escala em Coimbra: Um jovem jesuíta entre o Ocidente e o Oriente* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022). Finalmente, são ainda de destacar os capítulos de Rui Lobo e Alexandra Curvelo, sobre a construção dos Colégios de Coimbra (33–64) e a sua relação com a missão japonesa no século XVI (175–92), respectivamente. Os desenhos das várias fases de construção do complexo arquitectónico que compreendia o Colégio de Jesus e o Colégio das Artes são muito úteis e estão particularmente bem conseguidos.

Não obstante os vários méritos já enumerados, *Visto de Coimbra* teria beneficiado de uma edição mais cuidadosa, nomeadamente no que diz respeito à uniformização das notas de rodapé, normas de citação e bibliografia. Parece ter faltado uma selecção ponderada dos textos a incluir. Por mais abrangentes que fossem os critérios editoriais, alguns capítulos são completamente extemporâneos ao tema e propósito do livro. Mesmo que não se discuta a qualidade dos textos, os capítulos sobre: “Os jesuítas na América portuguesa: O caso da Amazónia” (65–90); as “Técnicas constructivas de la Antigüedad

Clásica en la arquitectura jesuita del siglo XVII en Etiopía” (227–50); e “A religião tradicional do Kongo: Entre fetichismo e resistência” (251–85) eram dispensáveis e deviam ter sido publicados, eventualmente, em revistas especializadas.

Este livro testemunha o interesse e a vitalidade actuais dos estudos sobre a história dos jesuítas em Coimbra entre 1540 e 1759. Longe das polémicas que assombraram a história e a historiografia dos jesuítas no século XIX e na maior parte do século XX, *Visto de Coimbra* afigura-se como uma boa obra de introdução à história dos jesuítas neste período. Enquanto alguns capítulos resultam de um trabalho de investigação recente, outros foram escritos depois de vários anos de estudo e dedicação. Nalguns casos particulares, os capítulos de *Visto de Coimbra* podem representar a porta de entrada para um novo mundo de trabalhos extensos e detalhados dos autores sobre educação, filosofia, ciência, arte e arquitectura conimbricenses.

Universidade de Lisboa

Francisco Malta Romeiras